

DO FEIO AO BELO: OS CAMINHOS DA DESUMANIZAÇÃO

Pietra Stefania Diwan*

(...) país que nasce torto não endireita nem a pau. A receita (...) para concertar o Brasil é a única que me parece eficaz. Um terremoto de 15 dias, para afofar a terra; e uma chuva de... adubo humano de outros 15 dias, para adubá-la. E começa tudo de novo. Perfeita, não?!

Neste pequeno trecho de uma carta escrita por Monteiro Lobato a Renato Kehl, podemos visualizar uma das concepções de “povo brasileiro” expressa por um dos grandes representantes da cultura letrada do país. Levando em conta os desdobramentos advindos da Proclamação da República, em 1889, havia o ideal da formação de um povo brasileiro que representasse toda a nação, empunhando a bandeira da liberdade e da igualdade. É sabido que os republicanos não atingiram esses objetivos. No entanto, encontramos em Renato Kehl um incentivador de algumas dessas idéias, através da “nova ciência” de Galton², a eugenia, que a partir de 1917³ inicia sua “peregrinação” em prol da formação do homem⁴ saudável, belo, civilizado, definitivamente brasileiro. Desta forma, eugenzar nada mais é do que homogeneizar a população, ressaltando as semelhanças e segregando os diferentes.

Esta pesquisa não é uma biografia sobre Renato Kehl, médico mais comumente conhecido por ser o grande representante do eugenismo no Brasil. Não se trata também de uma investigação a respeito das relações entre eugenia e educação, ou eugenia e nação, duas grandes vertentes de análise do discurso eugenista.⁵ Trata-se principalmente de perceber a rede⁶ de relações que compunha a empreitada pela implantação da eugenia no Brasil – seus adeptos, incentivadores e financiadores –, assim como de identificar, por meio dos textos de Renato Kehl, uma minuciosa tentativa de desumanizar o corpo imperfeito, ou seja, *dysgenico*⁷, relacionando-o à fealdade, à anormalidade, à monstruosidade e à doença.

Uma das grandes dificuldades em executar esta pesquisa está no excesso de fontes encontradas. Isto se justifica pelo grande número de livros publicados por nosso autor,⁸ além do fato de Kehl ter se preocupado em organizar metodicamente toda a sua produção em cartas (recebidas e enviadas)⁹ e parte de seus escritos, publicações e matérias de jornal.¹⁰ Por este motivo, as possibilidades de análise que se apresentaram foram inúmeras. Diversos trabalhos poderão ser desenvolvidos e devem ser incentivados, pois a documentação mostrou-se de grande relevância para aqueles que se interessam pela história do corpo, das ciências e das técnicas.

Renato Kehl nasceu em 1895, em Limeira, interior de São Paulo. Formou-se em 1909, pela Escola de Farmácia de São Paulo e, em 1915, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Empenhou grande parte de sua vida na vulgarização da eugenia.¹¹ Viveu em São Paulo até 1920, mesmo ano de falecimento de um de seus grandes incentivadores, Arnaldo Vieira de Carvalho,¹² mudando-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde produziu a maior parte de sua obra.¹³

Este texto contém parte do segundo capítulo de nossa dissertação de mestrado, provisoriamente intitulado de *A desumanização do feio*. Nosso objetivo aqui é mostrar as descrições da fealdade como parte da aposta eugenista na intervenção direta no corpo do indivíduo, com a intenção de criar o corpo do novo homem e o corpo da coletividade, segundo a idéia de que cada um é responsável por si e pela saúde da coletividade – haja vista, aqui, identificar o indivíduo feio como sinônimo de inapto ao trabalho, anormal, monstruoso, doente, degenerado, incivilizado. Nas palavras de Kehl:

(...) a palavra fealdade, aqui empregada, tem uma significação mais ampla do que a do entendimento corrente. Não corresponde á falta de predicados physicos, de graça ou de outros attractivos, que fazem de um homem ou de uma mulher alvo de admiração e sympathy. A fealdade é encarada, nas paginas que se seguem, sob o ponto de vista galtoniano e, como tal emprestei-lhe o sentido claro de dysgenesisia ou cacogenia. Em outros termos ella equivale á anormalidade, á morbidez, assim como a belleza equivale á normalidade, á saúde integral.¹⁴

Como pode ser visto na introdução de seu livro *A cura da fealdade*, ser feio não representa somente um valor estético. As dicotomias doença/saúde, sujo/limpo, feio/belo, anormal/normal e incivilizado/civilizado são confrontadas na intenção de perceber qual discurso do olhar se constituiu para delimitar as ações do “outro”. O afastamento do sujeito observador no discurso médico transforma o observado em coisa, não humano, passível de manipulação e enquadramento a um corpo técnico de regras e processos.¹⁵ A fealdade tranforma-se em anormalidade e morbidez, impossibilitando a saúde do indivíduo. Mais do que isso, ela é a própria incivilidade.

Alcoolismo, sífilis, tuberculose e as deformidades físicas, estes são alguns dos pré-requisitos para a determinação do feio – como se pode observar no caso da sífilis: “Não fosse a sífilis, não existiriam tantas pessoas feias, monstruosas, quer *physica*, moral ou *psychologicamente*”.¹⁶

As associações feitas entre saúde e beleza são transpostas à doença e à fealdade. Desta forma, inúmeras considerações são descritas no discurso médico de Kehl. Mais uma vez, os sífilíticos são vítimas dessas associações, pois, sendo considerada a doença que mais degenera a raça, a sífilis impede a formação do povo brasileiro. É sinônimo de ônus e, mais do que isso, demonstra também a crítica feita ao assistencialismo¹⁷ nos casos de doenças degenerativas. Em suas palavras:

*As [crianças] que sobrevivem [à sífilis] são anêmicas, rachíticas, feias, nevropathas, tico-sas, candidatas à morte precoce ou a se tornarem indivíduos cretinos, loucos, paranóicos (a nossa terra é considerada o paraíso destes degenerados), cegos, paralíticos, enxaquecados, sujeitos a uma existencia de tormentos, de martyrios para os outros, e sobrecarga para o Estado.*¹⁸

É muito comum encontrar contradições no discurso eugenista de Renato Kehl. Uma delas pode ser percebida no trecho abaixo, se a compararmos à origem daquilo que considera anormalidade. Mesmo considerando que acima ele se refere ao sífilítico, a cegueira contraída por acidente não é considerada anormalidade.

Segundo a ciência de Galton, não pode ser considerado anormal o indivíduo portador de um defeito anatômico ou fisiológico acidental ou mesmo congênito. A surdez, a cegueira, a perda, por exemplo, de um braço ou de uma perna por doença ou por acidente, não têm importância genética. As desordens hereditárias, estas sim, constituem fatores de degeneração, porque atuam de forma dominante ou recessiva, dando origem aos verdadeiros cacoplasmas ou deficientes.¹⁹

Desta forma, são os problemas de origem genética ou hereditária que constituem fator de degeneração. Sobre o “gigantismo”, Renato Kehl sublinha: “provou-se que os gigantes são quase sempre indivíduos *anormaes*, degenerados, monstruosos”.²⁰ Portanto, as deformidades físicas só têm validade quando são congênitas, não quando adquiridas em acidente ao longo da vida.

A construção do que deve ser belo e a descrição daquilo que é feio representam a maneira como o discurso médico eugenista pretendia interferir no corpo individual. Apresentar a fealdade como sinônimo de doença conduz o leitor para a ameaça e o medo do feio e de *ser feio*. Para ser belo, então, os eugenistas²¹ propõem:

*A Eugenia pretende certa regularidade nos traços physionomicos, uma justa proporção nas partes constitutivas do corpo, vivacidade de espírito, movimentos graciosos no andar e nos gestos, além de saúde, força e vigor, para classificar un indivíduo no rol dos typos eugenicamente bellos.*²²

Um dos caminhos para a cura da fealdade é o embelezamento. Os padrões recomendados são baseados na forma física dos gregos. Os parâmetros de normalidade estão associados à beleza, mas essa tem que estar composta com aspectos não só físicos, como também psíquicos e morais. Sobre a beleza, diz:

*A eugenia considera belleza NORMALIDADE²³; normalidade esta somatica, psyquica e moral. Dentro deste objectivo, admittem os eugenistas, como bello todo o indivíduo dotado de saúde, vigor e robustez e que apresente uma compleição physica e psyquica normaes. (...) A fealdade, por sua vez, corresponde á anormalidade, á desproporção, á desharmonia. Não pode ser considerado bello o indivíduo tarado ou doente. A eugenia não admite a dissociação das qualidades somáticas e outras. Um imbecil plasticamente perfeito não é considerado bello, sob o ponto de vista eugênico.*²⁴

De acordo com Canguilhem: “O patológico não é anormal porque as doenças fazem parte das funções normais de defesa orgânica e de luta contra a doença”.²⁵ Desse modo, a estrutura do pensamento de Kehl corresponde a uma concepção de vida que, além de ver no indivíduo sua hereditariedade, fisiologia e genética, generaliza o que é patológico como sinônimo de doença. Ou seja, o doente não pode ser considerado anormal, porque a doença faz parte das funções de defesa do corpo. Anormal seria não adoecer, isto sim sairia da norma e incorreria na anormalidade. Entretanto, a patologia implica *pathos* (sentimento de impotência), denunciando a passividade do corpo e do paciente diante da autoridade médica. É de suposições desta natureza que os eugenistas se valem para encarar a doença (patologia) e considerá-la um desvio da norma, intolerável porque funcionaria como um obstáculo para o progresso da nação. Kehl é bastante explícito neste aspecto:

Os intuitos da doutrina eugênica podem ser resumidos nos itens: 1) fazer com que as pessoas bem dotadas ou, mais claramente, as pessoas fortes, equilibradas, inteligentes, portanto de linhagem hereditária sadia, tenham maior número de filhos; 2) que as pessoas inferiormente apresentáveis (doentes, taradas e miseráveis) não tenham filhos.²⁶

Considerando a proposta descrita no item número 2 do fragmento acima, a única maneira de as pessoas ditas “inferiormente apresentáveis” terem participação nesta sociedade eugenizada é não tendo filhos – quer dizer, utilizar-se de um instrumento que, até onde se sabe, não foi praticado no Brasil nesse período, a esterilização²⁷ de homens e mulheres, além das proibições dos casamentos indesejáveis.

Civilizado, Belo e Saudável formam uma tríade que, segundo Kehl, deve manter suas relações fortes, contrariando a propalada ameaça de degenerescência provocada, entre outros, pela “miséria”.

No final do século XIX, a associação entre pobreza e perigo alimenta o imaginário médico e higiênico em muitas metrópoles ocidentais. Courtine delimita os campos de dois tipos de físico característicos daquele momento: o físico popular e o físico burguês. No caso do físico popular, “é do anonimato das fealdades onde pode sempre surgir o rosto da violência e do crime”.²⁸ Essa ameaça de criminalidade relacionada à classe pobre é associada da mesma forma à fealdade.

No Brasil, a associação entre pobreza e perigo fomentou inúmeras justificativas presentes na especulação imobiliária das cidades como meio de sustentar a ingerência do governo na vida familiar e individual de cada trabalhador de baixa renda.²⁹ Um dos caminhos possíveis era a tentativa de proibir a existência de cortiços, onde se amontoavam famílias em um único cômodo e não havia rede de esgoto e de abastecimento de água, recolhimento de lixo ou fiscalização sanitária. Em contrapartida, a formação de bairros higiênicos³⁰ impulsionou o comércio de propriedades “saudáveis”, exacerbando a diferença entre estas e os insalubres cortiços. Com isso, a necessidade de sanear e de prevenir essas desagregações pedia ações efetivas das políticas públicas para frear e controlar o espaço do operário pobre das cidades em ascensão.

Em decorrência deste quadro, Michel Foucault serve aqui como ponto de referência para pensar uma biopolítica e um biopoder emergente do rápido crescimento do capitalismo no século XIX, ou seja, um método para controlar as populações, entendendo-as como espécie. Esse biopoder é um poder que inside sobre a vida, a fim de sujeitar e docilizar os corpos, potencializando com sutilidades disciplinares as relações do homem com seu meio.³¹

A formação de disciplinas para o entendimento dessa nova sociedade biopolítica criou campos e saberes sobre o corpo. Demografia, estatística, a própria sociologia, com seus ramos da antropologia e da antropometria, para estudar os grupos sociais com o viés biológico ou não, biometria e caracteriologia foram técnicas de análise e medição dos povos para diagnosticar o lugar do “enquadramento” e a formação da “norma”.

Na década de 1930, como podemos ver a seguir, a situação econômica do Brasil só melhorou quando se formaram políticas que deram conta de educar, sanear e melhorar a sociedade. Segundo Kehl: “Cada dia que passa, mais se nos firma a convicção de que só uma política educativa, sanitária e uma política eugênica, dirigida por administradores de escol, poderá melhorar a situação econômica, política e social do Brasil”.³²

A proposta liberal e eugênica para extirpar o feio, o doente, o anormal prevê a solução desse *mal*, por meio de duas estratégias: a eugenia e a eutecnia.

Dentro de cinco gerações a humanidade poder-se-á encontrar aliviada de 50 por cento de suas monstruosidades, deformidades e desequilibrados mentais, realizando um grande passo para o reajustamento das populações com a elevação da taxa dos bem dotados, em relação aos mal dotados e aos ajustados psico-sociais. Tudo poderá realizar-se com o auxílio da Eugenia, que melhora as condições hereditárias do homem, e da eutecnia, que melhora as condições do meio ambiente.³³

Aqui, corpo e meio ambiente são colocados como coisas distintas, não influenciando diretamente um no outro. A eugenia cuida das condições hereditárias que não podem ser modificadas pelo meio ambiente. A melhoria deste último só propiciará um lugar menos insalubre para a vida, já que é sabido que essas condições podem desenvolver doenças como a tuberculose naquelas pessoas propensas geneticamente a isso.

Outra distinção importante, antes de finalizarmos, é a diferenciação entre dois campos de saber que estão muito próximos, mas que têm finalidades bastante diferentes: a eugenia e a higiene. Ao contrário do que se costuma pensar, a eugenia não é um ramo da higiene. Para Kehl: “Eugenia não é higiene, antropologia, medicina social, calipedia [sic], nem eutecnia; será higiene desde que se especifique ‘higiene das células de reprodução’ ou ‘higiene da hereditariedade’, ou ‘higiene das raças’”.³⁴

Reconhecendo a hereditariedade na genética humana, podemos dizer que, no eugenismo de Renato Kehl, não encontramos a importância da historicidade³⁵ no processo de formação do homem. Apesar de admitir a influência do meio como uma das causas da degeneração, ele é descrito por Kehl somente na sua dimensão física e climática. Aspectos como a água, a terra, o calor e o frio são determinantes para a degeneração. As relações humanas estão colocadas fora disso. Esta concepção de mundo está aliada à idéia de que a eugenia é uma árvore³⁶ robusta, de galhos frondosos. Em suas raízes estão as disciplinas que a constituem, que a tornam possível. Geografia, medicina, leis, migração, educação, estudos de população estão entre as diversas raízes dessa árvore. Para a eugenia, a história está entre a psicologia e a arqueologia. Vemos, portanto, que essa concepção de história está concentrada na genética, na hereditariedade e na genealogia, ou seja, na tradição familiar.

Diversos temas constantes no eugenismo são de grande importância na atualidade, pois fazem emergir problemas fundamentais que vêm sendo encarados no tempo presente e podem nos indicar pelo menos dois caminhos distintos de percepção. O primeiro é técnico e médico, bastante familiar atualmente, tal como a manipulação genética das espécies e a possível seleção de seres humanos depois do mapeamento do DNA humano. O segundo é filosófico, mas não de menor valor; trata da importância da relação ética do homem com o seu corpo e, da mesma forma, deste corpo com outros corpos, ou seja, das relações da

vida em que a tolerância e o viver com a multiplicidade são fundamentais. Fica para pensar. As estratégias disciplinares e de controle sobre a vida foram tão consolidadas e são tão sutis que muitas vezes não nos damos conta do quanto afastamos tudo aquilo que é diferente de nós.

Recebido em julho/2002; aprovado em agosto/2002

Notas

* Pietra Stefania Diwan é mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, sob a orientação da Dra. Denise Bernuzzi de Sant'Anna.

¹ Carta de Monteiro Lobato endereçada a Renato Kehl em 14 de abril de 1936, escrita à máquina e assinada à mão. Documento localizado no Fundo Renato Kehl, na Fundação Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

² Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin e um de seus primeiros seguidores, criador da biometria, disciplina que aplica os métodos estatísticos à biologia e, especialmente, ao estudo da hereditariedade. É considerado o primeiro eugenista. PICHOT, A. *O eugenismo: genetistas apanhados pela filantropia*. Lisboa, Instituto Piaget, 1995, p. 18.

³ O próprio Renato Kehl institui essa data como ponto de partida de sua empreitada pela eugenia no Brasil. Ver: KEHL, R. *Por que sou eugenista?* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

⁴ Quando falo homem, refiro-me a homens, mulheres e crianças, ou seja, à formação de uma humanidade (povo) saudável.

⁵ Entre algumas delas estão: MARQUES, V. R. B. *Eugenia e disciplina: o discurso médico pedagógico nos anos 20*. Campinas, Dissertação de Mestrado em Educação, Unicamp, 1992; ROMERO, M. *Do bom cidadão: as normas médicas em São Paulo: 1889-1930*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, USP, 1995; LUCA, T. R. de. *A Revista do Brasil: um diálogo para a (N)ação*. São Paulo, Editora da Unesp, 1999; SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993; NALLI, M. A. G. *O gene educado: a antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação*. Maringá, Dissertação de Mestrado, UEM, 2000.

⁶ Utilizamos o conceito de *rede* apresentada por LATOUR, Bruno. *Ciência em ação*. São Paulo, Editora da Unesp, 2000. Associa-se à idéia de *rizoma* de DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Feliz. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 1995, v. 1.

⁷ Termo freqüentemente utilizado por Renato Kehl para designar aqueles que não se enquadram nos padrões físicos, morais e intelectuais previstos pela eugenia. Disgenia: condição do caráter que resultará em prejuízos para o patrimônio genético de gerações futuras. Encontrado em: FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Nova Fronteira, 2001.

⁸ Podemos identificar mais de duas dezenas de livros publicados, o que não corresponde nem à metade do total de publicações, se considerarmos o grande número de artigos de jornais, pequenos ensaios e correspondências que Kehl escreveu ao longo de sua vida como defensor da eugenia. Ver: KEHL, op. cit., 1937.

⁹ Grande parte das cartas enviadas por Kehl tem uma cópia carbonada anexada às respostas dos destinatários. Material constante dos livros de autógrafos do Fundo Renato Kehl, Fiocruz/RJ.

¹⁰ É importante destacar a importância da consulta ao material constante do Fundo Renato Kehl, no centro de documentação da Fundação Casa de Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro.

¹¹ MELLO, L. C. *Dicionário de autores paulistas*. Comissão IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, pp. 287-288.

¹² Diretor da Faculdade de Medicina e presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, que reuniu 140 membros em sua fundação (1918), tendo uma existência efêmera e curta (até 1920), mas de grande importância para o desenvolvimento do eugenismo, tanto em São Paulo como no resto do país, por criar um novo campo de produção de saber.

¹³ Ainda em São Paulo casou-se com Eunice Penna, filha de Belisário Penna (higienista e eugenista que realizou viagem pelo Brasil com Arthur Neiva, em 1912), indo morar no Rio de Janeiro, à Rua Smith Vasconcelos, vizinho de seu sogro.

¹⁴ KEHL, R. *A cura da fealdade*. São Paulo, Editora Monteiro Lobato, 1926, p. 5.

¹⁵ COURTINE, J.-J. e HAROCHE, C. *História do rosto*. Lisboa, Teorema, 2000, p. 218.

¹⁶ KEHL, R. *Formulário da beleza*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927, p. 242.

¹⁷ Para Kehl, a filantropia e o sentimentalismo contrariam a seleção natural, contribuindo para a proliferação de fracos, doentes e degenerados, agravando a decadência e o abastardamento do gênero humano. In: *Educação eugênica*. Rio de Janeiro, Livraria Alves, abril de 1932, p. 6.

¹⁸ KEHL, R. Filhos de luéticos. *Correio da Manhã*, 17 out. 1923. Livros de recortes de jornal. Fiocruz/RJ.

¹⁹ KEHL, R. O que pretendem os eugenistas. Separata da *Revista Terapêutica*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 3, 1942.

²⁰ Idem. Anões e gigantes. *Eu Sei Tudo*, 70, março de 1923. Livros de recortes de jornal. Fiocruz/RJ.

²¹ Falo em eugenistas por crer que o discurso de Renato Kehl não era solitário e que a formação do campo de saber e discussão da eugenia continha em si os medos e os anseios de seus correligionários.

²² KEHL, op. cit., 1926, p. 27.

²³ Grifo de Renato Kehl.

²⁴ KEHL, R. op. cit., 1926, p. 27.

²⁵ CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1991, p. 107.

²⁶ KEHL, R. op. cit., 1942, p. 4

²⁷ Na década de 1930, diversos países europeus, além dos Estados Unidos e da União Soviética, já praticavam largamente a eugenia como forma de eliminar os indesejáveis. Um dos casos assustadores desta prática deu-se na Alemanha, entre os anos de 1934 e 1939, em que centenas de milhares de pessoas foram esterilizadas. Na Califórnia, Estados Unidos, foram praticadas mais de 50 mil esterilizações entre os anos de 1907 e 1948. Para maiores informações, ver: PICHOT, A., op. cit., 1995.

²⁸ COURTINE, J.-J. e HAROCHE, C., op. cit., 2000, p. 221.

²⁹ A este respeito, a bibliografia é vasta. Ver, por exemplo: BENCHIMOL, J. (coord.). *Febre amarela, a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2001; e CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

³⁰ Os bairros de Higienópolis e Campos Elíseos, em São Paulo, são exemplos da segregação dos espaços do saudável e do doente, da formação do bairro burguês em detrimento do bairro proletário, como, por exemplo, os bairros do Brás e do Bexiga. RIBEIRO, M. A. R. *História sem fim... Inventário da saúde pública*. São Paulo, Editora da Unesp, 1993, p. 103.

³¹ FOUCAULT, M. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, v. 1.

³² KEHL, R. *Sexo e civilização*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1933, p. 20

³³ Idem, op. cit., 1942, p. 4.

³⁴ Idem, op. cit., 1933, p. 57.

³⁵ Vemos historicidade, aqui, como processo de construção da história, tendo em vista as relações sociais do homem com seu meio, e a experiência vivida, o *modus vivendi*, como fatores determinantes para conhecer o homem e seu meio. É esta complexidade – que admite a subjetividade, mas que não dá conta da totalidade de uma realidade – que constitui o lugar de formação dos seres.

³⁶ Referimo-nos à imagem que consta do livro de Kehl, *Sexo e civilização*, op. cit., p. 265.